

RESUMO - GT5: SOB AS SOMBRAS DO LEVIATÃ: ASCENSÃO DA
EXTREMA-DIREITA E A CRISE DA DEMOCRACIA

**COMO SE CONSTRÓI UM EXTERMÍNIO? A VIOLÊNCIA POLICIAL COMO
ESTRATÉGIA DE PROPAGANDA POLÍTICA PARA EXTREMA-DIREITA**

Iasmin Albuquerque Silva (iasmin.albuquerque@ufpe.br)

A violência policial no Brasil não é uma mera questão de “desvio de conduta”, mas um problema estrutural de segurança pública: seu *modus operandi* baseia-se, historicamente, numa política de extermínio e na criação de um “inimigo interno”. Originalmente, o aparato de segurança nacional teve como foco a repressão e o controle de populações marginalizadas — como a repressão à quilombos e indígenas em meados de 1810 —, uma lógica que persiste até hoje, visto que a força coercitiva do Estado atinge desproporcionalmente jovens, negros e periféricos. A megaoperação no Complexo da Penha (RJ), realizada em outubro deste ano e que resultou em mais de 120 vítimas, incluindo policiais, tornou-se o novo recorde de letalidade policial no Rio e é a tragédia mais recente no país que expõe a dinâmica violenta de suas operações.

As crises inerentes às contradições do próprio capitalismo geram um cenário de desordem, insegurança e medo, marcadas pela instabilidade econômica, desigualdade e desemprego. Tal cenário permite a legitimação da letalidade policial pela extrema-direita, que a vende como a única solução eficaz para os problemas associados às crises sócio-econômicas. As chacinas são

apresentadas pelas autoridades como um “mal necessário” para restaurar a ordem, desviando o foco das causas estruturais da sua instabilidade.

Desse modo, a extrema-direita se insere e transforma a violência policial em um aparato de propaganda política: seus líderes exploram o caos e a insegurança para se apresentarem como a única força de salvação, celebrando publicamente a letalidade e reforçando a narrativa do “Leviatã”, o Estado, contra o “bandido”, o jovem, negro e periférico, em sua maioria. A letalidade das operações policiais transcende o ato operacional e se torna um sucesso de propaganda; uma demonstração do poder autoritário necessário para proteger o cidadão e solucionar a instabilidade.

A legitimação da violência, junto com a propaganda da extrema-direita em cima desses desastres, baseia-se no processo de desumanização das vítimas. Ao rotular jovens, negros e periféricos como inimigos predeterminados do Estado, o discurso político e midiático é justificado pela sua opressão, permitindo que o extermínio seja socialmente aceito, celebrado e incentivado. A desumanização desses indivíduos é crucial para manter a estrutura de opressão — utilizada, posteriormente, como trampolim de campanha política — e garantir que a coercitividade do Estado opere livre de fiscalização e responsabilização democrática.

A expansão ideológica da extrema-direita e sua aliança com as autoridades que promovem tal violência impactam diretamente a garantia de direitos humanos e aprofundam a crise democrática no país. Esses contextos também auxiliam a emergir os pilares do fascismo, onde o Estado é instrumentalizado para oprimir os grupos definidos como “inimigos”, ignorando os tratados internacionais e a própria legislação vigente. Se a política de extermínio continuar sendo utilizada como solução para as crises sócio-econômicas do país, a pior operação policial no país sempre será a próxima, que fatalmente se converterá em propaganda para extrema-direita cada vez mais em ascensão.

Palavras-chave: violência policial; extrema-direita; direitos humanos; política de extermínio; crises democráticas.